DOI: https://doi.org/10.14201/0BR0019179194

GILBERTO SOUTO: A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL BRASILEIRO EM HOLLYWOOD

Gilberto Souto: la trayectoria de un intelectual brasileño en Hollywood

Gilberto Souto: the career of a Brazilian intellectual in Hollywood

Tatiana de Carvalho Castro
Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil)

Resumo: Este trabalho visa apresentar a trajetória do escritor brasileiro Gilberto Souto que atuou como correspondente da revista brasileira especializada em cinema *Cinearte* entre os anos de 1932 – 1942. Souto foi um cronista cinematográfico que se mudou para Los Angeles no final de 1931 para exercer as seguintes funções: o jornalismo cinematográfico e a mediação cultural entre Brasil e Estados Unidos. Após encerrar com *Cinearte*, atuou diretamente nas produções de Walt Disney. Este trabalho

propõe uma revisitação no conceito da Política da Boa Vizinhança, uma vez que Gilberto Souto, um brasileiro, atuou diretamente na elaboração, execução e distribuição de materiais fílmicos de afinidade entre as duas Américas.

Palavras-chave: História e cinema; impressos; política da Boa Vizinhança; Disney.

Resumen: Este trabajo visa presentar la trayectoria del escritor brasileño Gilberto Souto que actuó como corresponsal de la revista brasileña especializada en cine *Cinearte* entre los años de 1932 y 1942. Souto fue un cronista cinematográfico que se mudó a Los Ángeles a finales de 1931 para ejercer las siguientes funciones: el periodismo cinematográfico y la mediación cultural entre Brasil y Estados Unidos. Después de acabar su relación con *Cinearte*, actuó directamente en las producciones de Walt Disney. Este trabajo propone revisitar el concepto de Política de Buena Vecindad, una vez que Gilberto Souto, un brasileño, participó directamente en la elaboración, ejecución y distribución de materiales fílmicos de afinidad entre las dos Américas.

Palabras clave: Historia y cine; impresos; Política de Buena Vecindad; Disney.

Abstract: This work aims to present the trajectory of the Brazilian writer Gilberto Souto who served as a correspondent for the Brazilian magazine specializing in cinema *Cinearte* between the years 1932 – 1942. Souto was a cinematographic chronicler who moved to Los Angeles at the end of 1931 to pursue his following functions: cinematographic journalism and cultural mediation between Brazil and the United States. After finishing with *Cinearte*, he worked directly in Walt Disney productions. This work proposes a revisit to the concept of the Good Neighbor Policy, since Gilberto Souto, a Brazilian, worked directly in the preparation, execution and distribution of film materials of affinity between the two Americas.

Keywords: History and cinema; printed matter; Good Neighbor policy; Disney.

1. Introdução

Gilberto Domingos Souto nasceu no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1906 e foi um expoente na construção do quadro de intelectuais do cinema – críticos cinematográficos e cronistas das chamadas revistas de fã. Souto iniciou sua carreira como escritor nas páginas da revista *Illustração Moderna* aos 19 anos, em seguida, atuou como redator geral em um dos primeiros periódicos especializado em cinema a circular no Brasil, a revista *Frou-Frou*; e integrou a equipe de redação do jornal carioca *O Correio da Manhã* por volta de 1931. Neste mesmo ano, integrou o corpo editorial da revista *Cinearte* – idealizada pelo seu velho amigo, o cineasta e intelectual Adhemar Gonzaga[1].

Gilberto compartilhou com Gonzaga e demais grupo de *Cinearte* a responsabilidade de difundir a "causa cinema" no Brasil. Os primeiros cronistas cinematográficos tiveram por objetivo aproximar a iniciante produção fílmica brasileira com a "fábrica de sonhos" hollywoodiana, ao mesmo tempo que alimentavam o leitor/espectador brasileiro (Castro, 2021) com leituras de fã especificamente do cinema norte-americano.

Gilberto Souto embarcou para os Estados Unidos no dia 11 de novembro de 1931 credenciado como representante do departamento de publicidade de *Cinearte* e iniciou uma extensa vivência em Los Angeles, rodeado por atores, atrizes e grandes produtoras. Souto teve uma experiência de vida muito singular. Foi um escritor solitário, porém, sempre cercado pelos grandes nomes de Hollywood e obteve acesso aos maiores estúdios cinematográficos da época.

No auge da sua atuação profissional, como mediador transcultural, Souto auxiliou os primeiros passos de Carmen Miranda na "fábrica de sonhos" assim como ajudou Walt Disney – quem saudosamente chamava de "meu patrão" – nas principais produções que representaram a América Latina, auxiliando na consolidação de nomes importantes como do caricato papagaio, Zé Carioca.

1 Adhemar Gonzaga foi o idealizador do periódico Cinearte. Uma revista especializada em cinema que circulou no Brasil entre 1926 e 1942. Gonzaga foi um dos idealizadores do cinema brasileiro e dedicou toda sua vida à sétima arte. Ver: Gonzaga, 1989.

Para além de um mediador cultural, Gilberto Souto teve uma posição bastante única no mundo e na historiografia do cinema, pois foi considerado pela *Cinearte* como um dos primeiros jornalistas cinematográficos e cronista brasileiro a se corresponder com o Brasil diretamente dos Estados Unidos[2]. Esse cronista permitiu que o público leitor/espectador brasileiro se aproximasse ainda mais das leituras de fã, contribuindo fortemente para o que foi o espaço cinematográfico no interior do que a historiografia se convencionou chamar de Política da Boa Vizinhança[3].

Por outro lado, Souto nos permite questionar a atuação direta do Brasil nesta delicada relação cultural. A sua função como um mediador cultural[4] nos transige revisitar o conceito de Política da Boa Vizinhança dentro de uma perspectiva de dominação para entender a participação ativa do Brasil nas criações representativas dos elementos da América do Sul, retirando das mãos dos norte-americanos dos EUA o peso narrativo de uma dominação cultural ativa.

Este é um trabalho que busca compreender a trajetória de Gilberto Souto como cronista, intelectual e um interventor diplomático importante nas relações culturais entre Brasil e Estados Unidos no período que vai de 1931 a 1952 – ano no qual Gilberto Souto retornou definitivamente ao Brasil e passou a trabalhar como representante da *United Artist*. Já no final da sua vida, regressa para o cargo de cronista cinematográfico e passa a contribuir para revistas e jornais da época.

Escrever a trajetória de Gilberto Souto é reescrever um capítulo da história intelectual brasileira, do cinema e das relações diplomáticas que ainda não foram analisadas. Este trabalho busca também teorizar a importância da presença latina e brasileira nos Estados Unidos e como a presença de

2 Anterior a Souto estiveram no ofício de correspondência L. S. Marinho e Olympio Guilherme, este último não foi para ocupar o cargo de correspondente, mas manteve um fluxo de contato com Gonzaga durante o tempo que esteve em Los Angeles até seu retorno no início dos anos 1930.

3 Para compreender o conceito, ver: Tota, 2000.

4 Gilberto Souto foi um intelectual que mediou a circulação cultural da cinematografia norte-americana no Brasil. Segundo Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansan, "na acepção ampla, os intelectuais mediadores são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social" (Gomes & Hansen, 2016, p. 10).

Gilberto Souto permitiu que diferentes diretores de Hollywood conhecessem o Brasil. Por esse motivo, esta é uma investigação que permite compreender as assimetrias estabelecidas no processo de circulação de ideias entre o Brasil e os Estados Unidos, no período vai dos anos 1930 a 1960.

Toma-se como justificativa para esta pesquisa a ausência de trabalhos com esse perfil. Nota-se que a maior parte das pesquisas sobre a influência do cinema norte-americano no Brasil leva em consideração apenas a ação de produtores, diretores e atrizes de Hollywood. O que se pretende nesta investigação é dar atenção à trajetória de Gilberto Souto, na qual existem muitas questões que merecem ser conhecidas, particularmente, sua ação como mediador cultural transnacional.

A trajetória deste intelectual se divide em duas partes: a primeira consiste na chegada de Souto à Los Angeles e sua constante correspondência com o Brasil. Nesta primeira fase, que vai de 1931 a 1942, Gilberto Souto entrevistou diversos nomes do cinema, frequentou diferentes estúdios de criação – como Paramount, MGM e Fox – e estabeleceu contato com outros brasileiros que já viviam por lá, como é o caso do ator e diretor Raul Roulien[5]. A segunda parte consiste no período no qual Gilberto Souto atuou como representante da América Latina nos estúdios Disney (*A Cena Muda*, 1949, p. 7). Esta é uma fase que vai de 1942 a 1952 e representa o auge de relações culturais por meio do cinema hollywoodiano no Brasil[6]. Neste período, Souto auxiliou Walt Disney nas principais criações que envolveram a participação da América do Sul como também se responsabilizou pela direção de dublagem de vários títulos como: *Dumbo* (Direção: Ben Sharpsteen, 1941), *Saludos Amigos* (Direção: Norman Ferguson, 1942), *The Three Caballeros* (Direção: Clyde Geronimi, 1945)[7], *Cinderela* (Direção: Clyde Geronimi, 1950) e *Alice in Wonderland* (Direção: Clyde Geronimi, 1951).

5 Raul Roulien foi um ator brasileiro que trabalhou em Hollywood por 4 anos (1931-1935) e regressou ao Brasil para iniciar sua carreira como diretor. Como podemos ver na edição 309 de 1932 de *Cinearte*, Gilberto Souto foi recebido e introduzido no universo de Hollywood por intermédio de Roulien (Souto, 1932).

6 O mercado exibidor norte-americano estabeleceu um amplo contato com o Brasil ainda nas primeiras décadas do século XX. Fortalecendo a tese que o filme importado intensificava um domínio cultural no Brasil e na América-Latina, como explica Pedro Butcher (2019).

7 *Saludos Amigos* e *The Three Caballeros* foram lançados no auge da política da boa vizinhança (Cheu, 2013).

No tempo que atuou como um importante nome no departamento de América Latina da Disney, Souto contribuiu fortemente para a construção do personagem Zé Carioca. Walt Disney idealizara uma Jabuti para o papel, mas foi Souto quem sugeriu a ideia de um papagaio para representar o Brasil. Circunstâncias como essas fortalecem a participação de Souto e do Brasil na produção de uma cultura identitária latina fora da América Latina[8].

Como diplomata, Souto mediou a presença de Osvaldo Aranha e Vinicius de Moraes (*A Cena Muda*, 1949, p. 7) aos Estados Unidos e auxiliou os primeiros passos de José Oliveira e Carmem Miranda nos encantos de Hollywood[9].

Em suma, Gilberto Souto é um nome desconhecido na história e historiografia do cinema brasileiro. Porém, sua atuação profissional representa uma grande influência no campo da escrita jornalística, direção de dublagem, tradução e diplomacia cultural brasileira nos Estados Unidos.

2. Por uma nova Política da Boa Vizinhança

O sociólogo jamaicano Stuart Hall teoriza o termo "Ocidental" como um fator geográfico assim como também um conceito entre as disputas de poder. A América Latina, geograficamente falando, encontra-se no continente americano, ao sul do hemisfério, com exceção do México, onde compartilha junto com os EUA e o Canadá as terras da América do Norte. Nesta perspectiva, a América Latina se encontra no Ocidente. Na visão histórica e conceitual da palavra, "Ocidente" corresponde ao Primeiro Mundo, neste caso, a América Latina, por se tratar de um conjunto de países emergentes, não se encaixaria na definição conceitual, logo, estaria condicionada ao posto de Terceiro Mundo e, na disputa de poder, a América Latina se encontra caracterizada pela definição "não Ocidente". Nas palavras de Hall, a parte latina da América é considerada subdesenvolvida, ruim e indesejável (Hall, 2016).

8 Para compreender melhor o conceito de identidade cultural Latino-Americano ver: Hale, 1997.

9 Gilberto Souto acompanhou Alfredo de Sá, cônsul brasileiro em uma visita à Los Angeles; Alberto Rondon de Ciledância; e Carmem Miranda no jantar oferecido pela Fox Film ao diretor Sol M. Wutzel, semanas antes da sua partida para a América do Sul (*A Cena Muda*, 1941).

Assim, a América Latina, em uma disputa direta de poder, seria incapaz de produzir e se representar sozinha em diferentes campos simbólicos, tais como nas artes, cultura, economia e na política. Nos últimos anos a historiografia vem delimitando novos caminhos teóricos e metodológico para protagonizar a América Latina como produtora de si em diferentes discursos. Como propõe Pierre Bourdieu, a equivalência de dizer que há sempre dominantes e dominados, é a história seguindo percursos pessimistas (Bourdieu, 2000). Segundo José Murilo de Carvalho, "a circulação de ideias é fenômeno universal" (Carvalho, 2000, p. 126) e não unilateral, de cima para baixo. Precisamos despir nossas dependências intelectuais de achar que os países da América Latina não produziram conhecimento durante o recorte histórico em questão.

Neste trabalho em especial contamos a trajetória de um brasileiro de criação mediana, de hábitos boêmios e influenciado pelo movimento modernista que saiu do Brasil aos 25 anos para se tornar um cronista de cinema nos Estados Unidos. Gilberto Souto construiu uma carreira e um nome fora do seu país e contribuiu para a presença brasileira no contexto que antecede a Política da Boa Vizinhança e nela.

A perspectiva da Política da Boa Vizinhança, aparece pautada em diversos trabalhos como uma necessidade que mais atendia aos EUA, assim como também, como o único beneficiário de todo processo de uma possível troca mascarada de discursos de dominação e imperialismo – não apenas no campo político, com a conquista do Brasil como um aliado de Guerra, como também, culturalmente. A historiografia tradicional propõe entender a Política da Boa Vizinhança como um episódio de influência cultural, de domínio e de acordos políticos envolvendo a Segunda Guerra Mundial (Tota, 2000). Tal visão anula completamente a presença intelectual latina no processo, ou seja, revelando uma dominação e não uma troca.

Acostumado com o conceito de "não Ocidental", a América Latina e outras regiões do globo, acreditaram por muito tempo que a Política da Boa Vizinhança, no campo do cinema, tratava-se de uma conquista, na qual os países da América do Sul e o México seriam apenas representados nas telas com pesos estereótipos e maneirismos preconceituosos. Contudo, a presença de uma rede de sociabilidade intelectual em Los Angeles e em Nova Iorque de brasileiros – escritores, artistas, sambistas – revela uma

participação não apenas ativa como predominante da opinião brasileira na criação das representações do Brasil.

Gilberto Souto, assim como outros nomes pouco mencionados na historiografia republicana brasileira, como Aloysio de Oliveira[10], Ary Barroso[11], José Oliveira[12] e Haroldo Barbosa[13], estiveram atuando na inserção da cultura brasileira no interior dos EUA antes mesmo da chegada da famosa Política da Boa Vizinhança. Carmen Miranda, atriz luso-brasileira, chega no país do Norte em 1939 e com ela a possibilidade do samba, um estilo bastante único da música brasileira, da cultura popular, repleta de elementos que contemplam a nossa natureza e história. Junto com Carmen chega aos EUA o grupo Bando da Lua, com o sambista Aloysio de Oliveira. Ary Barroso, consagrado autor de *Aquarela do Brasil* também passa a integrar a comitiva de brasileiros presentes em terra estrangeira. O sambista Haroldo Barbosa e a atriz Eros Volúsia[14] também marcaram presença e trabalhos por onde passaram em Hollywood. Todos, como mostra as fontes, próximos à Gilberto Souto, quem, provavelmente, fez a mediação inicial.

A presença de uma rede de sociabilidade artística e intelectual em Los Angeles fortalece os nomes, projetando-os para outras regiões, como a Europa, por exemplo, como também revela o trabalho da voz brasileira na construção de elementos que foram divulgados e apropriados pelas companhias cinematográficas.

10 Aloysio de Oliveira (1914 – 1995) foi um intelectual brasileiro que atuou predominantemente no campo da música. Oliveira foi um dos principais integrantes do grupo Bando da Lua – grupo que acompanhou Carmen Miranda nos EUA. Aloysio foi também um mediador entre os grandes estúdios da cultura brasileira para ser representada nos filmes. Ver: Oliveira, 1982.

11 Ary Barroso (1903 – 1964) é natural de Minas Gerais e foi um compositor brasileiro de música popular. Grandes sucessos de Ary Barroso circularam por todos os Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1950.

12 José do Patrocínio Oliveira (1904 – 1987) foi um músico brasileiro conhecido por ser a personalidade de Zé Carioca além de lhe emprestar a voz nas dublagens. Oliveira era conhecido também como cavaquinhista, característica que está presente também no papagaio de Disney.

13 Haroldo Barbosa (1915 – 1979) foi humorista, jornalista e compositor brasileiro. Barbosa era um grande amigo de Ary Barroso, Aloysio e Gilberto Souto.

14 Eros Volúsia (1914 – 2004) dançarina brasileira e uma das estrelas do filme *Rio Rita* de 1942. No Brasil, Eros participou do elenco de *Favela dos Meus Amores* de 1935 e *O Samba da Vida* de 1937.

É importante considerar que a presença brasileira não anula o preconceito e o sentimento de "não Ocidental" – pensado e reproduzido pelos estadunidenses – enfrentado pelos personagens brasileiros em questão, contudo, é importante entender a Política da Boa Vizinhança como uma troca que projetava visibilidade para o Brasil e não apenas como um domínio cultural unilateral. A interpretação de "domínio" anula a presença intelectual e, logo, desconsidera a capacidade de se autorreproduzir simbolicamente dos países em condição interpretativa de "dominados". Na disputa simbólica de poder, intelectuais brasileiros entregaram sua percepção cultural de indivíduos nativos para a construção de narrativas, representações e reproduções.

Neste cenário, Gilberto Souto foi um dos percursores. A sua inserção entre os principais estúdios da época e o contato com astros e estrelas de origem latina, lhe permitiu construir um nome. Souto não era apenas um jornalista credenciado de *Cinearte*, mas também um representante do Brasil. Entre as décadas de 1930 e 1940, Souto mediou a visita de muitos latino-americanos nos principais estúdios; promoveu o encontro de escritores com diretores de cinema; acompanhou a visita de consulados; e executou um trabalho de grande responsabilidade: a seleção de nomes de brasileiros para ocupar um cargo nos estúdios Disney.

3. De jornalista cinematográfico à *The Three Caballeros*: a colaboração brasileira para as representações do Brasil

> "E, Hollywood, pouco a pouco, vem descobrindo
> o Brasil, a nossa gente simpática, ouvindo a nossa
> música e conhecendo nossos ambientes e costumes..."
> Gilberto Souto, *Cinearte*, 1941

O ano de 1932 marca o início do trabalho de Gilberto Souto como representante de *Cinearte* em Hollywood. Na sua primeira crônica o autor narra sua chegada à Terra do Sol e a amigável recepção recebida por parte do ator brasileiro que por lá tocava a vida, Raul Roulien – um dos primeiros *latin lover* a conquistar os corações e os suspiros das fãs.

> Alguem me espera. E' um brasileiro e vocês todos, leitores, o conhecem – Raul Roulien. No trem, lembrava-me delle. O éco do seu successo no estrangeiro, idolo de Buenos Aires, aplaudido no Chile e Perú, ovacionado em Montevidéo... Depois, a sua vinda para a terra natal – o Rio recebendo-o de braços abertos correndo em peso para conhecer o brasileiro querido de outros públicos... (Souto, 1932, p. 6)

Além de Roulien, em 1932 Souto levou para o leitor brasileiro entrevistas de Jeanette Mac Donald, Leo Carrillo, Frances Dee, Gary Grant e Anita Page. O fluxo de publicação do escritor era relativamente alto, o seu contato direto com Hollywood despertava o interesse do público leitor com facilidade. Não demorou muito para a própria vida de Gilberto Souto se tornar um alvo de curiosidades, uma vez que ele ocupava um espaço que muitos fãs adorariam ocupar.

Além das crônicas de entrevistas e fofocas, Souto inaugurou em *Cinearte* outras colunas como "Hollywood Boulevard", onde escrevia, em breves notas, novidades imediatas da cidade do cinema. Como o próprio nome sugere, "Hollywood Boulevard" tratava-se do trabalho jornalístico de campo executado por Souto, ele estava circulando entre as estrelas, estúdios e colegas do ramo atrás de informações interessantes.

Outra coluna inaugurada foi "Futuras Estréas", onde Souto exercia o papel de escritor crítico. Neste espaço apareciam os principais títulos lançados nos EUA que, brevemente, estariam circulando no Brasil. Souto narrava em poucas palavras o contexto do filme e lhe atribuía uma opinião pessoal.

Em outros textos, quando Souto é mencionado por terceiros, não é desconsiderado o trabalho de Gilberto para a difusão do Brasil e da América Latina. Nas apalavras Waldemar Torres[15], Gilberto vem executando "em Hollywood, uma efficiente propaganda do Brasil" (Torres, 1935, p. 35). O ano de 1938 inaugurou o período no qual Gilberto Souto passou a dedicar-se mais as narrativas que descreviam a outra América. Entre elas, destacam-se o interesse de astros e estrelas em visitar a América do Sul; os costumes

15 Mencionado em Cinearte como o responsável pela publicidade da Metro Goldwyn-Mayer no Rio de Janeiro, Torres também é um amigo de longa data de Gilberto.

culturais e sociais dos países latinos; e crônicas relacionadas aos filmes que ambientavam a América Latina. "A pequenina 'estrella' [Jane Withers] da 20th Century-Fox está decidida a visitar a America do Sul, demorando-se, principalmente no Brasil e na Argentina, numa viagem que demorará cerca de tres mezes" (Souto, 1938a, p. 7).

No final da década de 1930 e início de 1940, Souto representou o Brasil como porta-voz entre os estúdios de gravação, sendo convocado para opinar sobre a elaboração de filmes; consultado sobre a música popular brasileira e nomes de cantores; executou trabalhos de direção de dublagem do inglês para o português.

Em sua crônica "América do Sul em Hollywood", Souto teceu algumas palavras sobre o filme *Too Hot to Handle* (Direção: Jack Conway, 1938), já antecipando que tal narrativa poderia ser mal recebida pelo espectador brasileiro:

> *Too Hot to Handle* será chamado, em Portuguez, 'Sob o Céu dos Trópicos', titulo esse que 'cheira' logo a palmeiras, cacho de bananas, gente suando sob um sol abrazador e... indirectamente ao nosso continente sul-americano e, particularmente, Brasil. Receio que a historia, o ambiente e certas passagens do dialogo sejam mal interpretadas pelos críticos do Brasil e pela nossa gente emfim (Souto, 1938b, p. 16).

Tratava-se de um filme produzido pela MGM, operando na Guiana, sem intervenções de nativos, cuja narrativa apresentava a região Amazônica como o principal potencializador narrativo, contudo, o estereótipo negativo, a influência da floresta como a "vilã" é questionada por Gilberto Souto, onde, assumindo um profissionalismo, justifica que a intenção da MGM, por mais que a empresa tenha se equivocado no idioma e nos elementos, não era representar o Brasil. Souto ressalva que por falta de "propaganda nossa" (Souto, 1 de agosto de 1939, p. 42), o Brasil era enxergado de fato como um potencializador de horrores, medo, ignorância e preconceitos.

> Ha muitos annos, uma companhia mambembe fez um film sobre o Rio em que a nossa alfandega era uma casa, coberta de palha, tendo no tecto, espetada, a bandeira nacional! Lembro-me de um film em serie de Pearl White em que se viam scenas do Amazonas e a pobre Pearl, que Deus

> guarde, correndo o risco de ser comida pelos pavorosos crocodilos... Neesse tempo – que graças aos santos, vae passando, o Brasil era a terra de onde as "nozes" vinham. "Nozes", em giria americana, é synonimo de "tontos", "desmilados" etc! (...) O Brasil só dava café. O Brasil era 'spanish', tambem como se nós falassemos castelhano. O Brasil, na mente desta gente, por ignorancia ou falta de propaganda nossa: o Brasil, esse nosso caro Brasil, era uma vasta região muito rica. É verdade, mas terra em que os selvagens perambulavam pelas ruas (Souto, 1 de agosto de 1939, p. 42).

Souto menciona a Política da Boa Vizinhança, mas não como um interesse único e restrito do governo estadunidense. O autor menciona a visita de Oswaldo Aranha em Washington; a presença propagandista do Estado Novo nos EUA apresentando o Brasil como um país importante economicamente para as Américas e menciona:

> Esta aproximação entre os dois paizes é de grande beneficio para todos nós; lucramos em nos tornar mais conhecidos aqui e, em pouco, essas idéas atrazadas e idiotas que alguns ainda mantêm sobre nós e nossas coisas vão desapparecendo... (Souto, 1 de agosto de 1939, p. 42).

Nos anos seguintes, com a Política da Boa Vizinhança já em curso, Gilberto Souto passou a produzir textos mencionando o samba e o avanço de uma narrativa brasiliana, representando os interesses do Brasil no campo cinematográfico (Souto, 15 de dezembro de 1939). A dinâmica cultural e a inserção propagandista de um Brasil importante, repleto de belezas naturais e de uma cultura popular forte, possibilitou a chegada de intelectuais brasileiros: entre compositores, artistas e escritores.

Nomes importantes de Hollywood, tal como de diretores e produtores, começaram a frequentar o Brasil, interessar-se pela música e, um caso especial, foi o interesse do maestro André Kostalanetz pela canção *No tabuleiro da Baiana*, composição de Ary Barroso cantado na voz de Carmen Miranda. Nesta canção, é possível encontrar elementos que apresentam a cultura baiana com suas comidas típicas e a menção ao Candomblé. Ary Barroso, um importante compositor brasileiro, fez da Bahia conhecida para além dos territórios nacionais.

> Pois o grande maestro gostou. Ficou seduzido. Ficou empolgado. Ficou fascinado. Trouxe com elle os discos de "No taboleiro da bahiana" e, segundo o seu costume, fez uma orchestração, dentro do seu modo pessoal, para ser lançada nos seus programas de radio. Ha cousa de um mez, num 'broadcasting' da C.B.S., estação forte daqui, ouvida em todos os Estados Unidos, elle apresentou o 'samba'. O proprio maestro chegou ao microphone e disse que iria, em seguida, tocar musica brasileira (Souto, 15 de dezembro de 1939, p. 5).

O autor de *Aquarela do Brasil*, trabalhou nos Estúdios Disney ao lado de Gilberto Souto, Aloysio de Oliveira e José Oliveira. Atendendo os interesses de guerra, Walt Disney foi entre todos os estúdios de criação da época o que mais se destacou durante o contexto de relações entre Brasil e Estados Unidos.

Ao finalizar as correspondências com *Cinearte*, em 1942, Gilberto Souto ingressou nos Estúdios Disney e atuou como mediador no *Foreign Department*, onde ficaria responsável por direcionar os trabalhos de Ary Barroso, Aloysio de Oliveira, Haroldo Barbosa, Aurora Miranda, José Oliveira entre outros. Os dois principais filmes produzidos pela empresa, para conquistar o espectador latino-americano, *Saludos Amigos* (Direção: Norman Ferguson, 1942) e *The Three Caballeros* (Direção: Norman Ferguson, 1945), na qual encontramos narrativas que apresentam diferentes países da América Latina e, em especial, o Brasil, caracterizado na presença do Zé Carioca.

Não podemos renegar e silenciar a contribuição de artistas e intelectuais brasileiros na elaboração de tais produtos, isso faz deles, não um filme unicamente mercadológico, político e de domínio, mas sim, filmes que projetam a América Latina em espaços de disputas simbólicas onde usamos do nosso samba e da nossa língua para nos mostrar.

Essa projeção eleva o nome de brasileiros que trabalharam em prol de uma divulgação exaltando um Brasil belíssimo e digno de respeito e admiração. Como menciona Baxandall, o nativo é um sujeito que compreende e conhece sua cultura com uma intimidade e uma espontaneidade que o observador – que neste caso é os EUA – não possui (Baxandall, 2006). Dificilmente Walt Disney executaria um trabalho de elevada qualidade em questão artística, de enredo, representação, atuação – com a presença de Aurora Miranda e

da mexicana Dora Luz – sem a intervenção e a mediação cultural de nativos da América Latina.

Imagem 1. Foto de Charles Wolcott, Gilberto Souto, Aloysio de Oliveira, Clarence Nash, Pinto Colvig, e José Oliveira



Fonte: Willdubguru

Na visão do observador, segundo Baxandall, esse sujeito possui outra espécie de conhecimento, precisa decodificar os padrões e normas antes de poder explicitá-la (Baxandall, 2006). Neste caso, se tais filmes, por uma infelicidade histórica e cosmológica, não tivesse a participação ativa de sul-americanos, estaria fadado ao desgosto e a recusa por parte do público latino, assim como o filme operado pela MGM no qual Gilberto Souto foi cirúrgico e objetivo na sua crítica.

Referências

Baxandall, M. (2006). *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras.

Butcher, P. (2019). *Hollywood e o mercado cinematográfico brasileiro: Princípios de uma hegemonia*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Carvalho, J. M. de. (2000). História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, v. 1, 123-152.

De Carvalho Castro, T. (2021). Cinema e o espaço crítico-literário: o papel das revistas ilustradas na formação do público leitor/espectador. *Revista Nava*, *7*(1), 169-186.

Gomes, A. M. de C. & Hansen, P. S. (2016). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Goldman, K. S. (2013). Saludos Amigos and The Three Caballeros: The representation of Latin America in Disney's Good Neighbor" Films. In J. Cheu. *Diversity in Disney films: Critical Essays on race, ethnicity, gender, sexuality and disability*. (23-37). Jefferson, Carolina del Norte: McFarland.

Gonzaga, A. & Aquino, C. (1989). *Gonzaga por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record.

Hale, C. R. (1997). Cultural Politics of Identity in Latin America. *Annual Review of Antrhopology*, 26, 567-590.

Hall, S. (2016). O Ocidente e o resto: discurso e poder. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 56, 314-361.

Tota, A. P. (2000). *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.

Willdubguru. Recuperado em 20 de abril de 2024, de https://www.non-disneyinternationaldubbingcredits.com/alocirc-amigos--saludos-amigos-brazilian-portuguese-voice-cast.html.

Fontes

A Cena Muda. (4 mar. de 1941). Rio de Janeiro, a. 1041, p. 23.

Rádio e Cinema. (22 de fev. de 1949). *A Cena Muda*. Rio de Janeiro, n.º 8, p. 7.

Souto, G. (27 de jan. de 1932). Roulien em Hollywood. *Cinearte*. Rio de Janeiro, n.º 309, p. 6.

Souto, G. (15 de out. de 1938a). Jane Withers visitará o Brasil. *Cinearte,* Rio de Janeiro, n.º 497, p. 7.

Souto, G. (15 de out. de 1938b). América do Sul em Hollywood. *Cinearte*. Rio de Janeiro, n.º 497, p. 16.

Souto, G. (15 de dez. de 1939). O Samba em Hollywood. *Cinearte*, Rio de Janeiro, n.º 525, p. 5.

Souto, G. (1 de ago. de 1939). O Brasil nos films de Hollywood. *Cinearte*, Rio de Janeiro, n.º 516, p. 42-3.

Torres, W. (15 de abr. de 1935). Eu e Hollywood. *Cinearte*, Rio de Janeiro, a. 5, n.º 413, p. 35.